

Mutações do perceber – profanações e errâncias

MARIANE SIMÕES¹; LUANA PAVAN DETONI²; CAROLINA MESQUITA CLASEN³; EDUARDO ROCHA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – marianesimoes204@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – luanadetoni@gmail.com;

³Universidade Federal de Pelotas – carolina.mescla@gmail.com;

⁴Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@yahoo.com.br;

Palavras-chave: mulheres, rua, história, lambe-lambe, corpo

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa/obra/experiência dita desta forma por ser um objeto intrínseco ao corpo da pesquisadora, um corpo errante e feminino, propõe sobretudo a desconstrução do discurso hegemônico que oculta, omite e romantiza a imagem da mulher. Essa mesma relação atravessa campos sociais: ela pode ser encontrada em lugares e espacialidades capazes de convergir socialmente os diferentes. Sendo mais profunda que as diferenças e a restrição das interações, o que garante a possibilidade ontológica de situações de urbanidade e de processo de integração social efetiva.

O processo explorou a técnica de lambe-lambe no projeto "Profanando-e-Resistindo"¹, enunciando mulheres e sua história. Entre elas a Frida Kahlo, as mulheres zapatistas, Malala Yousafzai, Diana Di Prima, Katiele Fischer e sua filha Anny e as sufragistas. A realização de impressões de imagens públicas dessas mulheres, tem a intenção de expurgá-las do academicismo, propondo diálogo direto com a rua. Com lambes em tamanho real. Como mulheres políticas expostas, com sua imagem e história. Causando assim uma intervenção na paisagem urbana, que é componente ativo no olhar do indivíduo.

Na videoarte "Se7e"² é explorada a técnica do áudio-visual, um registro de um passeio errático da artista. A referencialidade entre ato e espaço na geração da vida urbana vai além do amparo cognitivo e corporal a trocas linguísticas ou a trajetória de artefatos. Ela produz um senso de inteligibilidade e entendimento do mundo social e material; um senso de estrutura e de possibilidades de relações, importantes para nossa atuação, e o senso de que podemos fazer (Vinicius Netto, 2012). Encontrando em ambos os projetos uma experiência errática da cidade, como possibilidade de experiência da alteridade urbana, e as narrativas errantes, como sua forma de transmissão, podem operar como um potente desestabilizador das partilhas hegemônicas do sensível e das atuais configurações anestesiadas dos desejos (Jacques, 2004).

2^[er1]. METODOLOGIA

A metodologia do projeto Profanando-e-Resistindo foi delineada em quatro processos principais. Partindo primeiro da escolha das mulheres. Foi realizado uma pesquisa biográfica sobre as mulheres, contendo histórias e registros fotográficos sobre suas experiências. O registro fotográfico foi escolhido para a exposição e apresentação da imagem daquela mulher no meio urbano. O conteúdo escrito, seria acrescentado junto ao registro fotográfico da intervenção

¹ O projeto Profanando-e-Resistindo, projeto realizado para a disciplina de Processos Criativos II do curso de Artes Visuais na Ufpel, em 2015.e-

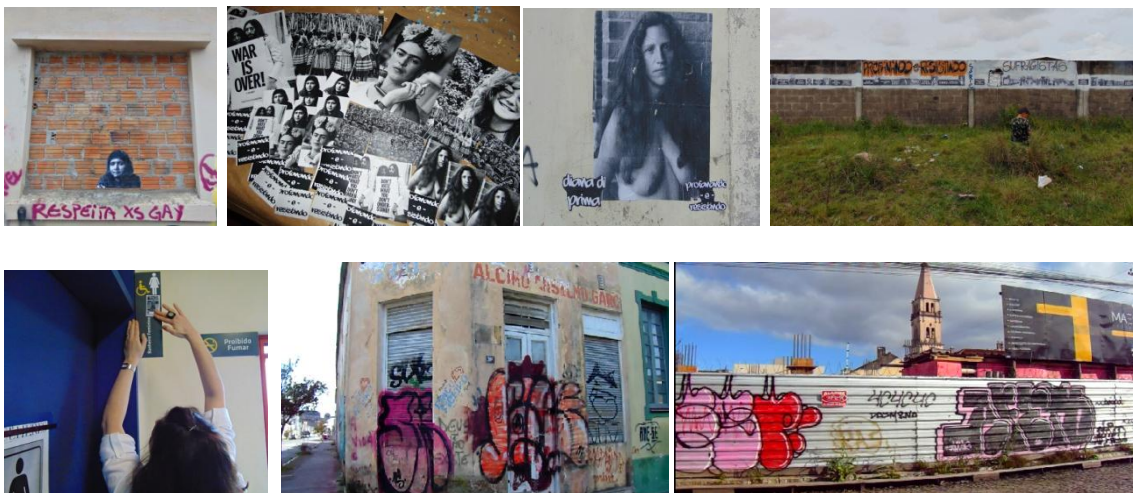
² Videoarte Se7e, projeto realizado para a disciplina de Ateliê de Arte no Vídeo em 2016.

urbana em um blog na internet, no tumblr, seguindo com o nome do projeto, (profanando-e-resistindo.tumblr.com). Estendendo a proposta do lambe-lambe como uma arte efêmera para um registro processual do trabalho.

O lambe-lambe, cujo nome surgiu no século XXI, tem no cartaz o seu precursor, mas sua função o diferencia deste, pois está relacionado a um movimento com viés crítico e propõe uma ideia ou reflexão contrária a conduta social e as desigualdades, ou é resultado do trabalho de artistas e grupos de artistas que ocupam o espaço público com o objetivo de espalhar suas criações. Os conteúdos do lambe-lambe expressam posições alternativas à política dominante, ampliando o poder de reverberação dos sujeitos que estão inseridos na luta contra a privatização do espaço público. Essa foi a técnica de ação direta, proposta para a execução do projeto. Sendo complementada com os adesivos, para explorar a intervenção visual no macro e no micro olhar.

A partir de caminhadas e percursos errantes na região do bairro Getúlio Vargas e Porto de Pelotas pude traçar minhas [T2] corpografias resultante da colagem dos lambe-lambe. Partindo da prática errante de análise do meio urbano, esse método busca registrar em vídeo os olhos alcançavam em um passeio de bicicleta na região do Porto, abordando a paisagem urbana e as intervenções visuais contrapostas, como o pixo nas estruturas tradicionais.

Estas corpografias urbanas de resistência, que são estas cartografias da vida urbana não espetacular inscritas no corpo do próprio habitante, revelam ou denunciam o que o projeto urbano exclui, pois mostram tudo o que escapa ao projeto espetacular, explicitando as micro práticas cotidianas do espaço vivido, as apropriações diversas do espaço urbano que não são percebidas pelas disciplinas urbanísticas mais hegemônicas, preocupadas demais com projetos, projeções a priori, e pouco com os desvios a posteriori, mas que não estão, ou melhor, não deveriam estar, fora do seu campo de ação (Jacques,0000).



(adicionar o percurso corpográfico)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa começa quando a pesquisadora distribuiu alguns adesivos impressos para colegas, amigos e conhecidos. Nessa etapa, foi comunicado um pouco sobre o projeto e a ideia de espalhar essas mulheres pelos arredores do Centro de Artes e pelo concreto da cidade. Com o fim de uma ruptura no próprio olhar, o compartilhamento das ideias do projeto se deu para que, horizontalmente, o espectador também fosse inserido no ato da criação. Assim, os resultados que se apresentavam para mim além do diálogo com o cinza urbano pregresso à

escolha dos lugares, eram **perceptos**^[T3] (DELEUZE,1992). Isso possibilitou perspectivas heterogêneas de uma narrativa que salta do muro para contar ao passante da contemporaneidade ainda mais sobre os percursos históricos que estão recheados de mulheres e discursos femininos ocultados.

Neste momento, que é posterior às intervenções, diálogos com amigos e revisão bibliográfica, buscou-se outra forma de expor os lambes assumindo a identificação do outro no processo “eu mesmo”. O artista, que enuncia a obra de arte, recebe durante o tempo de exposição uma quantidade imensurável de outros. Resultado desse entendimento na pesquisa é a profanação, que nada tem haver com a esfera religiosa, mas sim com a experiência artística sendo restituída ao uso comum das pessoas, do espaço da arte elitista para a partilha direta com o espaço público. Isso gerou o convite para expor o trabalho do "Profanado-e-Resistindo" em uma exposição na Secretária de Cultura na 43ª Feira do Livro de Pelotas que, por conseguinte, transformou esse suporte levando a confecção de um terceiro momento da obra, que ainda reverbera. A exposição “Lugares-livro” que sugere a questão: “Como fazer o movimento inverso e carregar o espaço público para dentro dos limites arquitetônicos”?

Um pequeno livro foi confeccionado com os registros fotográficos, contando brevemente sobre a vida daquelas mulheres, seu nome, idade, onde vive e algo que vivenciou. Posteriormente as obras participaram da Bienal Internacional de Artes e Cidadania da Ufpel. Transformações, experiências, experimentações, troca de pele, de suporte, intempéries urbanas e a cada instante a pesquisa retoma inquietações e faz novas perguntas, processo que permaneceu em aberto no continuum do espaço e tempo.

Nos próximos meses experimentei corpograficamente a abordagem errante da contemplação da paisagem no vídeoarte apresentando uma questão sobre a declaração de princípios sobre liberdade de expressão. As intervenções na arquitetura da cidade, as manifestações, as cores que já estão incorporadas na urbanidade, despertam afectos (DELEUZE, 1992). da estética da pichação em sua junção com a paisagem particular da região do Porto de Pelotas.

4. CONCLUSÕES

O percurso da pesquisa/obra/experiência instiga o agenciamento de narrativas corpográficas buscando por meio das errâncias um diálogo com a cidade de modo que se expanda a apreensão da arte para além dos limites arquitetônicos. Instigando a percepção do olhar, buscando nos projetos respectivamente abordar além da paisagem urbana, gênero e questões sobre liberdade de expressão, em uma vivência reflexiva, em que busca questões sobre o que presencia.

Que segundo Eduardo Rocha Lima, comunicar tal experiência, após vivê-la exige criação sobre a reflexão. Despertando afectos, resultando nos perceptos gerados pela intervenção corpográfica da artista para além dos muros da cidade, transpondo limites expositivos do subjetivo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NETTOS, AGUIAR; Vinivius, Douglas. *Urbanidades*.

DELEUZE, Gilles. *Filosofia da viagem*. Sabedoria Prática v.2. Curitiba: Editora Champagnat, 2013.

JACQUES, Paola. http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2012/04/redobra9_Experiencia-erratica.pdf

Lambe-Lambe: resistência à verticalização do Baixo Augusta¹ Diogo Oliveira²

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/11.132/4581>